

# O legado homoerótico em Machado de Assis

Luciano Marques da Silva<sup>1</sup>  
Valeria Rosito<sup>2</sup>

## RESUMO

*O objetivo deste artigo é discutir a contribuição do escritor Machado de Assis em torno da dialogicidade com escritores de sua época sobre homoerotismo. Para isso, analisamos fragmentos textuais do conto *Pílades e Orestes* à luz da recepção do leitor (ISER, 1979) e da perspectiva dialógica (BAKHTIN, 2003) frente aos efeitos estéticos. A relação homoerótica entre os personagens Quintanilha e Gonçalves é entendida como uma crítica machadiana à sociedade patriarcal, heteronormativa e oitocentista já que acontece em espaços sociais até então imunes à patologia homossexual que já se fazia presente junto às camadas subalternas da sociedade como pode ser lido em *Um Homem Gasto* (1885) de Lourenço Leal; *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia; *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo; *O Bom-crioulo* (1895) de Adolfo Caminha; assim como em dois contos de cunho homoerótico de autoria de João do Rio: *Impotência* (1899) e *Ódio* (1900). Em face às teorias dominantes das ciências naturais no final do século XIX, representada no *Naturalismo*, o conto *Pílades e Orestes* configura-se no legado homoerótico machadiano, antecipando, provocando e externando, já no raiar do século XX, as discussões sobre as sexualidades para além do dispositivo (FOUCAULT, 1979). Machado de Assis, através de estratégias políticas e discursivas nos apresenta uma percepção de que o homoerotismo, entendido como uma noção mais flexível das práticas ou desejos das pessoas same-sex-oriented (COSTAS, 1992), também pode ser uma possibilidade no universo da política e do direito como ocorre em *Pílades e Orestes* no último quarto do século XIX.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis, homoerotismo, dialogismo

## ABSTRACT

*The objective of this article is to discuss the contribution of the writer Machado de Assis to the debate on homoeroticism in literature. For this purpose, we will analyze textual pieces of the short story *Pílades e Orestes* in light of the reader's reception (ISER, 1979) on the aesthetic effects of the relationship between the characters Quintanilha and Gonçalves. Machado dialogs (BAKHTIN, 2003) with others texts of his time: *Um Homem Gasto* (1885) by Lourenço Leal, *O Ateneu* (1888) by Raul Pompéia, *O Cortiço* (1890) by Aluísio Azevedo, *O Bom-crioulo* (1895) de Adolfo Caminha, as well as in two short stories of homoerotic nature by the author of João do Rio: *Impotência* (1899) and *Ódio* (1900), producing a critique against the patriarchal society of the nineteenth century. This critique refers to the dominant theories from natural sciences of the end of the nineteenth century, including *Naturalism*, which associated homoerotic desires with a pathological disorder. By doing so, Machado de Assis, through discursive political strategies, presents us a perception of homoeroticism understood with a more flexible notion of same-sex-orientation (COSTA, 1992). The desires and practices may also be a possibility for analysis on the political and rights universe as occurs in *Pílades e Orestes* opening multiple ways to understand the homoerotic phenomenon in the last quarter of the nineteenth century.*

**Keywords:** Machado de Assis, homoeroticism, dialogs.

<sup>1</sup>Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UFRRJ, Graduado em Letras pelo Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, lucianomarks@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Literatura Comparada pela UERJ, Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFRRJ, valeriarosito2@gmail.com

## Introdução

O conto *Pílades e Orestes*, de Machado de Assis, “foi publicado pela primeira vez em 1903 no Almanaque Brasileiro Garnier” (ASSIS, 2012, p. 683), e em 1906, compõe a coletânea de contos intitulada *Relíquias da Casa Velha*. A principal hipótese pela qual está estruturado nosso trabalho se encontra na escolha do conto como gênero literário já que, no século XIX, com o surgimento da grande imprensa, o conto ganha sua plena legitimidade (RIBEIRO, 2007). O conto moderno é aquele que traz duas histórias como se fosse uma só, onde a história secreta é contada de um modo cada vez mais alusivo (PIGLIA, 2004). Esse caráter duplo da forma do conto trabalha a tensão entre duas histórias sem nunca resolvê-las e que a arte do contista consiste em saber cifrar a história segunda nos interstícios da primeira história (PEREIRA, 2008). Constitui também como hipótese desse estudo, o fato de Machado de Assis ter afirmado que o escritor João do Rio era seu mestre: “conta-se que Machado de Assis, interrogado pela mãe do jornalista João do Rio, desejosa de saber a sua opinião sobre o filho, Machado de Assis teria respondido: “Seu filho é meu mestre, minha senhora” (MACHADO, 2008, p. 40). O problema que nos impulsiona refere-se ao questionamento sobre quais teriam sido as estratégias machadianas adotadas para abordar o homoerotismo em *Pílades e Orestes*. O sujeito homoeroticamente inclinado não existe na essencialidade, mas no discurso burguês como um produto construído social, cultural e historicamente (FOUCAULT, 1979). Olhar para a sociedade oitocentista e perceber que é ali onde nasce essa concepção negativa do ser homoerotizado é fundamental para entender porque esse tema se faz presente na narrativa machadiana como uma crítica ao *status quo* de então. Mas isso não significa que tal sujeito não vivenciasse seus desejos homoeróticos. Muito pelo contrário. Machado de Assis vai descrevê-los em um cenário altamente masculinizado e conservador, como o ambiente jurídico, contrariando, dessa forma, a regra até então narrada em que a possibilidade homoerótica se referia a algo possível apenas nos espaços subalternos como apresentam os romances<sup>3</sup> da época: *Um Homem Gasto* (1885) de Lourenço Leal; *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia; *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo; *O Bom-crioulo* (1895) de Adolfo Caminha; assim

---

<sup>3</sup> Na “quadra final do século XIX, [o fenômeno da homossexualidade] propiciou o surgimento de grandes personagens: Sérgio, de *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia (1863-1895); Pombinha, de *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913); Amaro, o Bom-crioulo (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897). (RUFFATO, 2007, p. 14)

como em dois contos de cunho homoerótico de autoria de João do Rio: *Impotência (1899)* e *Ódio (1900)*.

### Aspectos teóricos

A escolha do espaço/tempo da narrativa localizado entre as décadas de 1870 e 1890, no universo dos bacharéis de direito e da política partidária, é significativa, pois são os locais de prestígio e privilégios da sociedade burguesa. Sem que pequemos por anacronismos, nos direcionamos ao texto machadiano entendendo-o como uma interlocução e isso se explica através do processo dialógico (Bakhtin, 2003) que nos possibilita entender tal interlocução entre Machado de Assis e sua comunidade dialógica em torno do homoerotismo.

Nosso objetivo geral é contribuir com uma nova perspectiva para os estudos machadianos com vem fazendo os pesquisadores Maciel (2006), Silva (2006), Trevizam (2007), Ruffato (2007) e Santos (2008) que já exploram esse lacuna no cânone machadiano ao provocar o debate em torno das questões do homoerotismo no final do século XIX. O conto *Píldes e Orestes*, nos níveis das palavras, frases, enunciados, discursos e fragmentos textuais, fala sobre o envolvimento entre Quintanilha e Gonçalves que pode ser entendido como homoerótico.

O termo homoerotismo, adotado nesta discussão, será dissociado de outros dois termos: homossexualismo e homossexual já que estes são insuficientes para descrever a diversidade das experiências sujeitos homoeroticamente inclinados (Costa, 1992). Outra vertente teórica se encontra em Iser (1979) e Barcellos (2007) sobre a relação de aproximação texto-leitor que responde à nossa intenção de colocar para dialogar Machado de Assis e outros escritores em relação à uma temática muito contemporânea como o homoerotismo.

Adotaremos o conceito de homoerotismo porque, de acordo com Costa (1992, p. 43) “o termo homoerotismo atende à complexidade da homossexualidade e nos ajuda a entender a dimensionalidade da questão aqui em debate [já que] o rótulo de homossexualidade [é] largamente insuficiente para descrever a diversidade das experiências psíquicas dos sujeitos homoeroticamente inclinados. Costa (1992) acredita que “homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos das pessoas *same-sex-oriented*. Para o teórico, a palavra homossexual está excessivamente comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexólogo e higienista de onde surgiu e que o homoerotismo

transcende essa tentativa de dizer quem é ou quem não é homossexual. Nessa mesma linha, podemos entender que, como aponta Weeks (2000), a sexualidade é uma construção social, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo e o sentido e o peso que lhe atribuímos são modelados em situações sociais concretas e que isso tem profundas implicações para nossa compreensão do corpo, do sexo e da sexualidade.

Abordagens da escrita machadiana perspectivadas pela questão homoerótica são pensadas e desenvolvidas por: Green (1980) em *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade*; Lopes (2002) em *Bichas e letras: uma estória brasileira*; Maciel (2006) no artigo *Pílades e Orestes: a sedução das faces mudas*; Silva (2006) com o artigo *Entre Bento e Flora: a muda cautelosa de Quintanilha em Pílades e Orestes*; Trevizam (2007) com *Palimpsesto erótico: ecos da literatura precedente e a expressão do proibido no conto Pílades e Orestes e Machado de Assis*; Ruffato (2007) no livro *Entre nós: contos sobre homossexualidade*; Santos (2008) em *O clássico na tessitura de Pílades e Orestes de Machado de Assis*; Souza (2010) com a dissertação *Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras*; e Trevisan (2011) em *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*.

### **A escrita machadiana**

Embora Machado de Assis seja conhecido como o ponto mais alto da prosa realista brasileira (BOSI, 1994, p. 163), o procedimento pelo qual ele produz sua escrita é inteiramente diverso do realismo (BERNARDO, 2011, p. 64).

Para Bernardo (2011) o realismo é um texto que não pode ter sua intenção final falar sobre a realidade, mas sim seu modo de fazê-lo, a saber: a forma e que no caso machadiano, sua literatura nos deixa com a sensação de que sabemos mais sobre a realidade, e isto em vários aspectos: históricos, sociológicos, psicológico, mesmo antropológico.

Assim, adotamos a perspectiva trazida por Proença Filho (2010) quando afirma que a obra de Machado de Assis permanece e é atual, na medida em que, em textos multissignificativos, evidencia, a partir de seu testemunho sobre o homem e a realidade de seu tempo, questões relacionadas com o homem de todas as épocas, numa temática que envolve, entre outros destaques, o amor, o ciúme, a morte, a afirmação pessoal, o jogo da verdade e da mentira, a cobiça, a vaidade, a relação entre o ser e o parecer, as oscilações entre o bem e o mal, a luta entre

o absoluto e o relativo. Para o teórico, polissemia e universalidade, portanto, é que permitem que um texto seja atual e permaneça.

Segundo Proença Filho (2010), cada novo leitor, armado de seu repertório cultural, pode ser capaz de identificar, na dimensão escondida no texto literário, emoções coincidentes com as que povoam o âmago do seu universo psicológico.

Segundo Pereira (1992, p. 287), Machado de Assis tentou sozinho, por tortuosos e insondáveis caminhos, resolver os problemas humanos, utilizando para isso uma filosofia própria e assistemática; não se filiando a nenhuma corrente do pensamento, mas sempre reticente e dubitativo. Diante desta perspectiva, nos apropriamos da escrita machadiana, entendendo-a como produtora de enunciados possibilitadores de uma abordagem homoerótica pensada como uma crítica aos costumes oitocentistas.

Concordamos com Pereira (2005, p. 27) quando diz que dificilmente se lê com atenção algum trecho de Machado de Assis, ainda de anódina aparência, sem julgar descobrir alguma ponta do fio desse novelo que nunca se chega a desembaraçar.

Assim, além de termos consciências das possibilidades multissignificativas envolvendo a escrita machadiana, optamos também por outras duas perspectivas teóricas para entender o conto *Pílades e Orestes* como uma contribuição para pensarmos homoerotismo no final do século XIX. A primeira se refere à teoria da recepção em que, segundo Iser (1999), em que o leitor é incentivado a ocupar as lacunas deixadas pelo texto na interação entre este e aquele. A outra vai privilegiar o dialogismo, que para Bakhtin (2003), permite entender que um texto contém e perpassa outros diálogos e já que todo enunciado, da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico, tem um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros.

### **As estratégias machadianas**

Selecionamos alguns fragmentos textuais para nos ajudar a entender como *Pílades e Orestes* se constitui num legado homoerótico em Machado de Assis. Consideramos algumas estratégias como atitudes conscientes do autor que se dividem em quatro campos: 1) as estratégias políticas, através do dialogismo como interlocução e do conto como gênero literário; 2)

estratégias intertextuais, presentes no diálogo com *Electra* de Sófocles; 3) estratégias homoafetivas, nos cruzamentos dos homoafetos na constituição da narrativa; e finalmente 4) as estratégias discursivas através de construções ambivalentes.

### **Estratégias políticas**

A perspectiva dialógica assim como a escolha do conto como gênero textual para abordar a história de Quintanilha e Gonçalves configuram-se como estratégias políticas para abordar a questão homoerótica.

Machado de Assis dialoga com outros interlocutores que haviam tratado o homoerotismo restringindo o foco narrativo debate nos negros (Caminha, 1895), nos pobres (Azevedo, 1890), no âmbito do internato (Leal, 1885; Pompeia, 1888), nos mais maduros (João do Rio, 1899) e nas classes mais baixas das forças armadas (Caminha, 1895).

Outro recurso que Machado de Assis adotou se refere a o conto como gênero literário. Ao escolhê-lo para abordar o tema do homoerotismo, opta pelo jogo entre as duas histórias para driblar a crítica e o público leitor oitocentistas.

De acordo Ribeiro (2007) a *Gazeta de Notícias* era “um jornal moderno, de espírito adiantado, primeiro órgão da nossa imprensa que divulgou a caricatura diária, a entrevista, a reportagem fotográfica” (JORGE, 1977, p. 16 *apud* RIBEIRO, 2007, p. 14), além disso, o diário era “avançado, republicano, abolicionista, liberal e alinhado ideologicamente com os segmentos mais progressistas do processo político” (RIBEIRO, 2007, p. 15).

Piglia (2004) entende que o conto moderno conta duas histórias como se fosse uma só e que a história secreta é contada de modo alusivo. Pereira (2008), nesta mesma linha, afirma que esse caráter duplo da forma do conto trabalha a tensão entre duas histórias sem nunca resolvê-la e que a arte do contista consiste em saber cifrar a história segunda nos interstícios da primeira história. Assim, podemos entender que em *Píldes e Orestes* a primeira história refere-se ao interesse financeiro de Gonçalves, enquanto a segunda, marca a relação de poder exercida por Gonçalves sobre Quintanilha e deste sobre o outro num jogo de interesses que sugerem a abordagem homoerótica, constituindo-se, dessa forma, a interlocução machadiana junto à comunidade dialógica formada pelos seis escritores que já haviam tematizado o homoerotismo. A história secreta é a que defendemos neste trabalho, a abordagem homoerótica da relação

assimétrica entre Quintanilha e Gonçalves. São as escolhas enunciativas que se estruturam e expõem as estratégias machadianas de trançamento da “segunda” história.

No conto, quem fala é um narrador provocado por Machado de Assis e o seu interlocutor é a sociedade intelectual que acompanhava as discussões diárias nos jornais já que no século XIX:

Literatura brasileira acontecia na imprensa. A Gazeta de Notícias, no período em que Machado de Assis começou a colecionar ali contos, tinha tiragem de 21 mil exemplares em dias de semana, 26 mil aos domingos, números que correspondem a algo entre 5% e 10% da população total da corte no início da década de 1880 (CHALHOUB, 2010, p. 17).

Assim, de acordo com Chalhoub (2010), ler histórias nos veículos originais é observar a interlocução delas com as colunas em seu entorno e periódicos adjacentes, perceber a densidade das alusões às questões de seu tempo: querelas literárias, ideologias científicas e casamenteiras, emancipação do sexo feminino, reforma eleitoral. Essas possibilidades foram amplamente utilizadas por João do Rio e Machado de Assis que se faziam presentes na imprensa. Diante disso, acreditamos que Machado de Assis tenha contribuído com a perspectiva homoerótica pensando nessa demanda progressista dos leitores.

### **Estratégias intertextuais**

A escolha do título do conto *Pílades e Orestes* configura-se como uma estratégia intertextual para o debate em torno do tema homoerotismo. Isso se justifica porque a obra dialoga com *Electra* de Sófocles. O autor estrutura sua escrita do mito que se construiu em torno da relação entre os primos Pílades e Orestes. A história deste mito se dá quando o pai de Orestes, Agamenon, é assassinado pela própria esposa, Clitemnestra, com o auxílio do amante, Egisto. Electra, irmã de Orestes, o envia ao reino da Fócida para ser criado pelo tio Estrófilo, onde conhece e constitui a mitológica amizade com o primo Pílades.

O mito da amizade entre os dois se tornou símbolo do homoerotismo porque Pílades se tornou companheiro fiel de Orestes em sua missão matricida de vingar a morte do pai Agamenon. Vale ressaltar que na Grécia Antiga as relações homoeróticas não tinham o viés patológico como o construído no final do século XIX a partir da Era Vitoriana (FOUCAULT, 1979).

Stears (2010) afirma que o homossexualismo é retratado na arte da Grécia Antiga como uma espécie de aprendizado sistematizado em que rapazes das classes altas teriam sua vida sexual

iniciada com homens mais velhos e que essas relações muitas vezes aconteciam com incentivo dos pais do jovem.

Na arte e literatura gregas há frequentes alusões a desejos e relacionamentos homossexuais, às vezes citados como aspectos importantes na boa educação de cidadãos do sexo masculino. Mais importante ainda era a prática, bastante difundida, do sistema de aprendizado, em que rapazes das classes altas tornavam-se aprendizes de mestres mais velhos, às vezes por meio de acordos com os próprios pais. As relações daí provenientes eram complicadas, envolvendo tutoria e apadrinhamento, bem como sexo. E não havia a noção de que os resultados eram exclusivos ou definitivos: normalmente os homens mais velhos eram casados, e suas atividades com os jovens aprendizes eram simplesmente outra válvula de escape. Por sua vez, supostamente os rapazes, mais tarde, se voltariam ao casamento e às atividades heterossexuais. Embora as discussões aprobatórias acerca do homossexualismo fossem bastante públicas, é provável que os mentores mais velhos tenham surgido primeiro, se não exclusivamente, no âmbito de uma subcultura de elite (STEARNS, 2010, p. 58-59).

De acordo ainda com Stearns (2010), numerosos escritores louvaram as práticas homossexuais.

Platão afirmou que era mais provável que o amor sério surgisse entre dois homens, um mais velho e um mais jovem, e não entre homem e mulher, porque era uma modalidade que podia envolver uma mistura de sexo e interessante conversação intelectual. Ao mesmo tempo, Platão também refletia uma preocupação com a ideia de que o prazer sexual era algo degradante, uma humilhação a ser repudiada, de modo que sua aprovação era no mínimo abalizada; mais tarde, o filósofo passaria a atacar toda e qualquer atividade sexual que não fosse voltada para a reprodução (apontando, equivocadamente, que o homossexualismo não existia no mundo animal), embora admitisse que algumas pessoas pareciam querer justamente isso (STEARNS, 2010, p. 60).

De acordo com Nunes (2001), Platão influenciou Aristóteles e as correntes do final da Antiguidade, estendendo essa influência às teologias hebraica e muçulmana, ao neoplatonismo, à teologia cristã com o arcabouço de sua estrutura, até à cultura moderna. Em *O Banquete* podemos conhecer o Mito do Andrógino é uma tentativa em que Platão se debruça na possível origem do homoerotismo.

Platão, ao propor o mito do andrógino, fala no terceiro sexo para explicar o homoerotismo. Ele tenta discutir, já na Grécia Antiga, a presença na sociedade de sujeitos que não correspondiam nem à masculinidade, nem à feminilidade, mas que transitavam entre ambos. E, dessa forma, podemos ver registrado que na antiguidade a preocupação sobre como entender ou se referenciar às identidades que fogem a esse parâmetro homem *versus* mulher.

Para Platão, antigamente, nossa natureza não era como a de agora, mas muito diferente.

Para começar, havia três sexos, e não dois apenas, como hoje: masculino e feminino. Além desses, havia um terceiro, formado dos outros dois; o nome ainda subsiste, porém o sexo



desapareceu. Em verdade, era o sexo andrógino, com a forma e o nome dos outros dois sexos, masculino e feminino. Porém só o nome chegou até nós, bastante desmoralizado. Além do mais, no todo, os homens eram redondos, com o dorso e os flancos como uma bola. Possuíam quatro mãos, igual número de pernas, dois rostos perfeitamente iguais num só pescoço bem torneado, e uma única cabeça com os rostos dispostos em sentido contrário, quatro orelhas, dois órgãos genitais e tudo o mais pelo mesmo modo, como será fácil imaginar. Andavam de pé (PLATÃO, 2001, p.45).

A explicação de Platão para a forma arredonda do humano se originava nos astros. O masculino vinha do sol e o feminino da terra, provindo da lua o sexo misto, já que a lua tem participação tanto do sol como da terra. Como tinham força e vigor extraordinários, e por serem dotados de coragem sem par, atacaram os próprios deuses.

O que Homero conta de Efilto e Ossa refere-se a eles, por haverem tentado escalar os céus para combater os deuses. Então Zeus deliberou com as demais divindades sobre o que era preciso fazer com eles, porém não chegaram a nenhuma conclusão. Realmente, nem era aconselhável matá-los ou fulminá-los, como haviam feito com os gigantes, destruindo, desse modo, toda a espécie, pois tal medida implicava o desaparecimento do culto e dos sacrifícios prestados pelos homens, nem deixar, ainda, que prosseguissem com tamanha insolência. Depois de muito refletir, falou Zeus desta maneira: Penso ter encontrado um meio, declarou, de conservar os homens e pôr cobro a essa indisciplina: bastará enfraquecê-los. Agora mesmo vou dividi-los pelo meio, pois desse modo não somente ficarão mais fracos, como nos serão também de maior utilidade pelo fato de aumentarem de número (PLATÃO, 2001, p.46).

A partir dessa decisão, homem, mulher e andrógino passam a andar com dois pés, em posição ereta. À medida que os ia dividindo, mandava que Apolo lhes virasse o rosto e metade do pescoço para o lado do corte: ao perceber a incisão que lhe fora feita, o homem saberia moderar-se.

Seccionados, desse modo, os corpos, cada metade sentiu saudade da outra, e procurando ambas a sua parte, estendiam reciprocamente os braços, estreitavam-se, no anelo e fundiram num só corpo, do que resultou morrerem de fome e inanição, pelo fato de nenhuma parte querer fazer nada separada da outra. Quando uma das metades vinha a falecer, sobrevivendo a outra, esta procurava nova companheira e se abraçava com ela, quer se tratasse do que antes fora um ser completo do sexo feminino, a que hoje damos o nome de mulher, quer da metade de um homem. E assim desaparecia a raça. Condoendo-se Zeus, excogitou outro estratagema e passou para frente deles os órgãos genitais. Até então estes se encontravam nas costas, não se processando entre uns e outros a concepção e a geração, porém na terra, como se da com as cigarras. Passou, portanto, para frente deles todos os órgãos reprodutores, com o que forçou os homens a procriarem uns nos outros, dando-se a geração no órgão feminino por meio do masculino, com a dupla finalidade: se o amplexo ocorria entre homem e mulher, havia geração e propagação das espécies; porém se se dava entre dois seres do sexo masculino, a saciedade os separava por algum tempo, ficando ambos em condições de voltar para suas atividades habituais e de prover às necessidades da vida. Desde então é inato nos homens o amor de uns para os outros, o amor que restabelece nossa primitiva natureza e que, no empenho de formar de dois seres um único, sana a natureza humana. Cada um de nós, por conseguinte, só é homem pela

metade, mero símbolo, por ter sido cortado ao meio. De um passaram a ser dois, do que resulta viverem todos a procurar sua metade complementar (PLATÃO, 2001, p.47- 48).

Na verdade, o mito do andrógino é uma provocação sobre quem realmente é o verdadeiro homem, ou quem é a verdadeira mulher, ou quem forma, na verdade o terceiro sexo pensando o ser não como um, mas como a união de duas formas com o objetivo de formar um. Isso porque segundo Stearns (2010), Platão passaria a atacar toda e qualquer atividade sexual que não fosse voltada para a reprodução (apontando, equivocadamente, que o homossexualismo não existia no mundo animal), embora admitisse que algumas pessoas pareciam querer justamente isso. Stearns (2010) também afirma que Aristóteles preocupava-se com os homens passivos – em geral, homens claramente rotulados como homossexuais, caso dos prostitutas.

Outras sociedades, em outros tempos, também perceberam a presença de homens e mulheres que transitavam entre os dois gêneros.

Transformações de gênero aparecem já na primeira metade do século XX, com as descrições abundantes, ainda que confusas, sobre a instituição das *berdaches* entre algumas sociedades simples da América do Norte. As *berdaches* eram indivíduos que, nascidos homens, passavam a adotar vestimentas e comportamentos femininos, executavam tarefas e atividades nitidamente destinadas às mulheres e praticavam sexo com homens, geralmente no papel passivo. Esses indivíduos eram reconhecidos como pertencentes ao gênero feminino e desfrutavam de papéis sociais legítimos, e, às vezes, específicos nas culturas em que viviam (BENEDETTI, 2005, p. 21-22).

Benedetti (2005) localizou pesquisas sobre pessoas que vivenciaram papéis sociais semelhantes aos das *berdaches*. Segundo ele essas pesquisas foram documentadas por antropólogos em várias sociedades “primitivas”.

Podemos apontar como exemplos: o caso das *mahu* do Taiti, descritas por Levy (1971), que ocupariam um importante papel na definição das identidades daquela comunidade ao demonstrar, para homens e mulheres, o que eles não deveriam ser; o das *xanith* de Omã, relatadas por Wikan (1977), cuja ocupação mais comum é a prostituição e que, segundo a autora, conformariam um terceiro gênero naquela cultura; o da das *fa'afafine* de Samoa, narradas por Mageo (1992), que, devido às mudanças na cultura Samoa, estão crescendo em número e em visibilidade pública; o das *panema* entre os guaiiqui do Paraguai, descritas por Clastres (1990), o que seriam homens que perderam sua função de caçadores, passando a portar uma cesta e não mais um arco, respectivamente os símbolos maiores do feminino e do masculino naquela cultura. A maioria dos trabalhos citados, no entanto, restringe-se à descrição do exótico, identificando as diferentes personificações das transformações de gênero diretamente com a homossexualidade ocidental, pouco avançando no debate sobre a construção cultural do corpo e do gênero (BENEDETTI, 2005, p. 22).

Esse olhar histórico sobre diversas culturas é importante para pensarmos o quão importante é pensar nos desejos homoeróticos e como no final do século XIX esse tema provocava

nos intelectuais, principalmente literatos, as razões de tão pluralidade de formas de se viver o desejo. Assim, percebermos que a decisão de Machado de Assis em retratar uma história grega se explica também no fato dos árcades, assim como os românticos, trazerem para suas produções literárias histórias do período clássico. No entanto, Machado de Assis ressignifica o mito de Orestes produzindo um relato homoerótico entre dois personagens na segunda metade do século XIX o que não era comum. Assim, quando analisamos o conto *Píldes e Orestes* sob a perspectiva dialógica bakhtiniana, como um enunciado completo em interlocução com outros escritores, localizamos duas vozes antagônicas. A primeira voz está representada por uma parte da sociedade oitocentista dominante, conservadora e que nomeia e regula as relações eróticas que eram entendidas pela ótica patológica. Sem essa perspectiva dialógica o conto não existiria como uma crítica aos padrões heteronormativos. A outra voz refere-se a de homens e mulheres homoeroticamente inclinados que subvertem a ordem estabelecida e vivenciam suas paixões e desejos de formas diversas.

### **Estratégias dos homoafetivos**

Segundo Oliva (2003, p. 8) os homoafetos representam relacionamentos baseados na “amizade-fraternidade, amizade-sociabilidade, amizade-paternidade, amizade-narcisismo e amizade-homoerotismo”. Isso significa que nas relações fraternais há homoafeto porque é o sentimento entre pessoas do mesmo sexo (irmão com irmão ou irmã com irmã). O mesmo ocorre nas relações baseadas na sociabilidade onde os sujeitos que se socializam constroem, de certa forma, uma relação de amizade com base homoafetiva, já que se trata de pessoas do mesmo sexo (forças armadas, guerra, presídio). Nas relações paternas e maternas também há o homoafeto porque estamos falando da relação entre duas pessoas do mesmo sexo. Para Oliva, o narcisismo, assim como o homoerotismo também configuram homoafetos, em que no primeiro caso se deseja as coisas do outro, enquanto no segundo, o corpo do outro.

Assim, podemos entender que homoafeto não é necessariamente sinônimo de homoerotismo já que ele pode ser de outras ordens. Isso significa também afirmar que homoerotismo é uma forma de homoafeto, não o único. Assim, defendemos que a escolha do homoerotismo como tema central da história submersa é atravessada pelos jogos multissignificativos permitidas pelas relações homoafetivas.

Machado de Assis, em sua construção literária, estrutura várias cenas em que os afetos, ou melhor, os homoafetos se entrelaçam e se confundem levando o leitor a atuar como “co-produtor de sentido do texto [propondo] que o processo de leitura seja entendido como uma interação dinâmica entre texto e leitor” (BARCELLOS, 2007, p. 46) o que significa determinar subterraneamente uma cena homoerótica. Machado brinca com essas possibilidades desde a relação fraternal na faculdade, na sociabilidade por terem morado juntos, até perspectiva narcisística se repara quando desejam veladamente um ao outro.

Podemos entender a perspectiva paternal como aquela referenciada quando Quintanilha sente-se dono e financia Gonçalves. Quintanilha faz questão não só de emprestar dinheiro para o amigo, como também oferecer-lhe uma vida requintada já que “herdara os bens de um tio e vai para o seu Gonçalves que advogava no Rio” (ASSIS, 2012, p. 677).

Uma letra de Gonçalves que se venceu dali a dias e que este não pôde pagar, veio trazer ao espírito de Quintanilha uma diversão. Quase brigaram; a ideia de Gonçalves era reformar a letra; Quintanilha, que era o endossante, entendia não valer a pena pedir o favor por tão escassa quantia (um conto e quinhentos), ele emprestaria o valor da letra, e o outro lhe pagasse, quando pudesse. Gonçalves não consentiu e fez-se a reforma. Quando, ao fim dela, a situação se repetiu, o mais que este admitiu foi aceitar uma letra de Quintanilha, com o mesmo juro. – Você não vê que me envergonha, Gonçalves? Pois eu hei de receber juro de você? (ASSIS, 2012, p. 679)

A perspectiva da sociabilidade está relacionada ao convívio na faculdade, enquanto a perspectiva fraternal se dá quando percebemos que Quintanilha investe na decisão de ir para o Rio de Janeiro contando com o apoio do amigo. A perspectiva narcisística pode ser entendida em dois momentos. Primeiro na rotina laboral junto ao cotidiano de Gonçalves como se fosse uma espécie de “secretária”, “esposa” ou até de “mãe” e a outra quando disputam o amor de Camila. Sobre a rotina laboral podemos entender que Quintanilha deseja ser um advogado e por isso vai ocupar a rotina laboral do amigo.

Se Gonçalves tinha algum trabalho que fazer à noite, Quintanilha ia ajudá-lo como obrigação; dava busca aos textos de lei, marcava-os, copiava-os, carregava os livros. Gonçalves esquecia com facilidade, ora um recado, ora uma carta, sapatos, charutos, papéis. Quintanilha supria-lhe a memória. Às vezes, na Rua do Ouvidor, vendo passar as moças, Gonçalves lembrava-se de uns autos que deixara no escritório. Quintanilha voava a buscá-los e tornava com eles, tão contente que não se podia saber se eram autos, se a sorte grande; procurava-o ansiosamente com os olhos, corria, sorria, morria de fadiga. [...] Com o tempo, os obséquios ficaram sendo puro ofício. Gonçalves dizia ao outro: “Você hoje há de lembrar-me isto e aquilo”. E o outro decorava as recomendações, ou escrevia-as, se eram muitas. Alguns dependiam horas; era de ver como o

bom Quintanilha suspirava aflito, à espera que chegasse tal ou tal hora para ter o gosto de lembrar os negócios ao amigo. E levava-lhe as cartas e papéis, ia buscar as respostas, procurar pessoas, esperá-las na estrada de ferro, fazia viagens ao interior. De si mesmo descobria-lhe bons charutos, bons jantares, bons espetáculos. (ASSIS, 2012, p. 678)

No que se refere à disputa pelo amor de Camila, podemos entender que há sim a presença do desejo pelas coisas do outro quando, sem falar uma palavra, Gonçalves consegue convencer o amigo a não casar com a prima e inverter a situação obrigando a menina a casar com o outro.

De dia, rememorando toda a véspera, realidade e sonho, chegou à conclusão. Gonçalves era seu rival, amava a prima dele, era talvez amado por ela... Sim, sim, podia ser. [...] Não corria bem a pena, a letra era tremida, as emendas mais numerosas que de costume, provavelmente as datas erradas. A consulta dos livros era feita com tal melancolia que entristecia o outro. Às vezes, parava tudo, pena e consulta, para só ficar o olhar fito “em ontem”. – Entendo – disse Quintanilha subitamente -; ela será tua. – Ela quem? – quis perguntar Gonçalves, mas já o amigo voava, escada abaixo, como uma flecha, e ele continuou as suas razões de embargo. (ASSIS, 2012, p. 682)

A perspectiva homoerótica vai ser estruturada nas próximas seções quando defendemos essa abordagem machadiana já no limiar do século XX. Assim, acreditamos que Machado de Assis ao impor subterraneamente o envolvimento homoerótico entre Quintanilha e Gonçalves o faz a partir de estratégias discursivas.

### **Estratégias discursivas**

Machado de Assis também vai recorrer a estratégias discursivas em que diversos níveis do texto geram discursos marcados pela ambivalência.

### **“Casadinhos de fresco” ou “Píldes e Orestes”?**

Atentemo-nos para o seguinte fragmento textual, de onde retiramos o título deste capítulo:

A união dos dois era tal que uma senhora chamava-lhes os “casadinhos de fresco”, e um letrado, Píldes e Orestes. Eles riam, naturalmente, mas o riso de Quintanilha trazia alguma coisa parecida com lágrimas: era, nos olhos, uma ternura úmida. Outra diferença é que o sentimento de Quintanilha tinha uma nota de entusiasmo, que absolutamente faltava ao de Gonçalves; mas, entusiasmo não se inventa. É claro que o segundo era mais capaz de inspirá-lo ao primeiro do que este a ele (ASSIS, 2012, p. 679).

O uso dos termos “uma senhora” e “um letrado” revela o campo em disputa no final do século XIX. É importante destacar que esse campo em disputa se permanece na atualidade o que mostra o quão atual se mostra o conto aqui em debate. Machado de Assis faz a intertextualidade com Sófocles, em dois momentos: neste trecho destacado acima e em outro que segue:

O final da história foi dito em latim. Quintanilha serviu de testemunha ao noivo, e de padrinho aos dois primeiros filhos. Um dia em que, levando doces para os afilhados, atravessava a Praça Quinze de Novembro, recebeu uma bala revoltosa (1893) que o matou quase instantaneamente. Está enterrado no cemitério de São João Batista; a sepultura é simples, a pedra tem um epitáfio que termina com esta pia frase: “Orai por ele!”. É também o fecho da minha história. Orestes vive ainda, sem os remorsos do modelo grego. Pílades é agora o personagem mudo de Sófocles. Orai por ele! (ASSIS, 2012, p. 682).

No entanto, o uso do termo Pílades e Orestes também compõe outra estratégia além da intertextualidade. Seria a estratégia discursiva já Machado de Assis faz uma comparação entre Pílades e Orestes aos “casadinhos de fresco”. O mito de Orestes, como já tratamos anteriormente, refere-se à fidelidade de Pílades para com a missão matricida de Orestes. essa fidelidade é também lida uma relação homoerótica entre os dois. Já a expressão “casadinhos de fresco” fazia referência à época ao grau de união entre duas pessoas recém casadas. Tanto a fidelidade de Pílades quanto o grau de aproximação entres aqueles que se casam são percepções que tentam dar conta da relação entre Quintanilha e Gonçalves.

Ao mesmo tempo que essa associação possa significar uma simples união entre dois amigos, ela também se refere a uma possível relação homoerótica. Por essa associação, dizemos que Machado de Assis sugere uma cena homoerótica no conto *Pílades e Orestes* através desta estratégia discursiva.

### **Quintanilha engendrou Gonçalves**

Outra associação discursiva se dá quando o narrador inicia o conto dizendo que:

Quintanilha engendrou Gonçalves. Tal era a impressão que davam os dois juntos, não que se parecessem. Ao contrário, Quintanilha tinha o rosto redondo, Gonçalves comprido, o primeiro era baixo e moreno, o segundo alto e claro, e a expressão total divergia inteiramente. Acresce que eram quase da mesma idade. A ideia de paternidade nascia das maneiras com que o primeiro tratava o segundo; um pai não se desfaria mais em carinhos, cautelas e pensamentos. (ASSIS, 2012, p. 677)

Ao utilizar o termo “engendrar” o narrador provoca sentidos ambivalentes já que o verbo engendrar significa “construir” nos levando para o debate mais específico das relações íntimas onde os sujeitos se constituem segundo expectativas do outro e vice-versa. Quintanilha engendra Gonçalves, ou seja, constrói um sujeito tal qual lhe interessa e justamente por isso passa a povoar o cotidiano do outro. Além de povoar esse cotidiano, Quintanilha o protagoniza e ainda toma decisões que muitas vezes não são interessantes para Gonçalves que se deixa constituir pelo amigo já que também é de seu interesse que assim seja.

Outra expressão presente no fragmento acima, “estar juntos”, completa o sentido adotado em nossa recepção (ISER, 1979) do conto a partir da perspectiva homoerótica. O uso dessa expressão provoca sentidos ambivalentes em relação à ênfase dada a estarem junto quando estudaram e, possivelmente, tenham compartilhado o mesmo alojamento: “tinham estudado juntos, morado juntos, e eram bacharéis do mesmo ano” (ASSIS, 2012, p. 677).

### **Seu Gonçalves**

Machado de Assis também vai fazer um jogo interessante com o pronome possessivo. O narrador afirma que Quintanilha “veio para o seu Gonçalves que advogava no Rio” (ASSIS, 2012, p. 681). O próprio Machado de Assis nos adverte que “pronomes possessivos dão intimidade” (ASSIS, 2012, p. 681) e essa estratégia do uso do possessivo também nos conforta em receptionar o conto como uma roupagem homoerótica já que além de constituir um Gonçalves, Quintanilha sente-se dono do amigo.

Diante disto, podemos entender que havia sim uma relação de posse entre os dois, mas uma relação extremamente díspar. Primeiro porque Quintanilha dedicava toda sua energia à relação dos dois, o que não acontecia com o outro. Muito pelo contrário, já que Gonçalves relativizava a relação de acordo com seus interesses. Como por exemplo, a cena do quadro.

### **Uma tela com o retrato dos dois**

Nas férias de fim de ano, Quintanilha obriga Gonçalves a passar as férias em Petrópolis. Entendemos essa escolha machadiana pela cidade serrana, por representar o lugar representativo da família real, como mais um vestígio de que essa história necessariamente aborda uma relação homoerótica em plena sociedade oitocentista.

Gonçalves acabou aceitando, e o prazer que lhe deu com isto foi enorme. Subiram a Petrópolis. Na volta, serra abaixo, como falassem de pintura, Quintanilha advertiu que não tinham uma tela com o retrato dos dois, e mandou fazê-la. Quando a levou ao amigo, este não pôde deixar de lhe dizer que não prestava para nada. Quintanilha ficou sem voz. – É, uma porcaria – insistiu Gonçalves. [...] Eu tenho este braço torto? (ASSIS, 2012, p.679)

A escolha de Machado de Assis em construir, propositalmente, esse passeio na região serrana, cidade imperial, faz com que entendamos a percepção de Quintanilha sobre sua relação com o amigo seja a cena familiar vivida pelo que a cidade representa. Isso se confirma com as cenas seguintes em que Quintanilha manda fazer um retrato dos dois juntos. Ora, um quadro pintado à óleo é simbólico demais para a realeza e, como sabemos, toda a herança real é imitada pela burguesia (HAUSER, 1998) e pelas famílias tradicionais de uma maneira geral e ponto fulcral para pensarmos na intenção de Quintanilha em repetir esses significados em sua relação com Gonçalves. Para Quintanilha fica evidente o que o retrato reflete e refrata seus sentimentos em relação ao amigo o que não acontece com Gonçalves que não se vê muito mal representado na tela, rechaçando a obra veementemente.

### **Terminaram a noite no teatro**

Outra construção discursiva extremamente densa se encontra na cena da Rua do Ouvidor. A escolha da oração: “acabavam a noite no teatro”, e da palavra “teatro” propriamente, nos direciona, claramente, à cena homoerótica da época conforme registros já indicados anteriormente em que o teatro no centro da cidade do Rio de Janeiro representava também um espaço de encontro de “rapazotes” na *belle époque* carioca como apresentava tanto por Macedo (1872) quanto Leal (1885):

Se virmos um *rapazito* com andar sereno, grave, com os passos curtos acompanhados de movimentos do tronco de dos membros superiores; com as pernas um pouco abertas e o bico do pé muito voltado para fora. [...] Não é raro encontrarmos pelas ruas da cidade, especialmente nas portas dos teatros (MACEDO, 1872 *apud* GREEN, 2006, p. 28-29).

Essa mesma perspectiva está presente ficcionalmente no primeiro romance a apresentar a perspectiva homoerótica *Um homem gasto* (1885) de Lourenço Leal.

Passeie a vista larga pelo hospício social e verá quantas vítimas animadas existem da gafa, adquirida quase sempre na contágio (sic) dos colégios. Se se quiser dar ao trabalho ingrato de visitar a espécie de estrumeira teatral, estabelecida impunemente numa rua das mais frequentadas da capital, terá ocasião de ver para lá entrar, às noites de espetáculo, de parceria com meretrizes (LEAL, 1885, p. 181).



Acabar a noite é necessariamente dormir, repousar na cama, num leito. Cena máxima do casamento. Além disso, a sentença “acabavam a noite no teatro” provoca um debate relacionado à atuação e ao uso das máscaras. Comédia e tragédia são as máscaras símbolos do teatro. A máscara sinaliza o baile de máscara. A relação homoerótica depende de uma encenação. A máscara revela e vela ao mesmo tempo.

Ao explorarmos essa construção discursiva, podemos entender que há o obsceno e que o público oitocentista não pode ou não está preparado para acompanhar o que acontece por detrás das cortinas do teatro da vida social. A cortina da privacidade não pode descer para esse público especificamente. Terminar a noite no teatro sugere que os dois amigos dormem juntos após os passeios, as visitas e a rotina artístico-cultural aristocrática. Segundo porque realmente eles são uma espécie de “casadinhos de frescos”. Expressão da época que fazia alusão ao nível de comprometimento dos recém casados. Mesmo quando não dormem juntos, “Quintanilha acorda pensando no outro e vai ter com ele”.

### **Considerações finais**

Assumindo o lugar do leitor na recepção literária, entendemos que o conto Píades e Orestes de Machado de Assis se constitui de uma interlocução com outros escritores da época cuja principal função é criticar a sociedade imperial. A narrativa se dá entre as décadas de 1870-1890, cuja centralidade social se localiza sob o patriarcado e onde a sexualidade é regulada. Essa regulação essencializava e patologizava o desejo homoerótico que era percebido a partir de características que seriam próprias a esses sujeitos como a forma de andar, de falar ou de posicionar as mãos e o pescoço.

O conto de Machado de Assis ficcionaliza o homoerotismo indo além dos estereótipos construindo um ser homoerótico inserido em esferas de poder como o Direito e a Política. Reproduz brilhantemente uma possível vivência entre dois rapazes das classes mais favorecidas que tenham driblado a brusca sociedade oitocentista e vivenciado, juntos e por bastante tempo, uma união que se aproxima no que hoje denominamos união estável.

Pode soar anacrônico, no entanto, diante da possibilidade de referências patológicas sobre o fenômeno homoerótico entre médicos e literatos, cabe a nós, membros de um movimento

social, ousarmos reivindicar, já no início do século passado, a possibilidade de sociabilidade entre pessoas homoeroticamente inclinadas para longe do dispositivo de sexualidade altamente patologizante e marcado pela influência de uma sociedade patriarcal, fundamentalista e hipócrita. Machado de Assis a viu e a defendeu, mesmo que de forma submersa. Que seja! Que ousemos pesquisar mais e tentar encontrar, nos jornais e revistas da época como foi possível ser feliz em meio à centralidade heteronormativa.

### Referências Bibliográficas

ASSIS, M. **Obra completa em quatro volumes**. Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn (Orgs). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do Russo: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALIEIRO, F. F. **A pedagogia do sexo em O Ateneu**: o dispositivo de sexualidade no internato da 'fina flor da mocidade brasileira'. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2009. Disponível em: < <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/2379.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2015

BARCELLOS, S. **Aproximações**: teorias contemporâneas de literatura, identidade e diários. Terra Roxa e outras terras revista de estudos literários, v. 9. 2007. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol9/9\\_5.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_5.pdf)> Acesso em: 26 abr. 2015.

BERNARDO, G. **O problema do realismo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHALHOUB, S. Prefácio. In: SILVEIRA, Daniela Magalhães. **Fábrica de contos**: ciência e literatura em Machado de Assis. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COSTA, R. P. **Os onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. 4. ed. São Paulo: Kondo, 2005.

COUTINHO, A. Machado de Assis na Literatura Brasileira. In: COUTINHO, A. **Machado de Assis**: obra completa. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

DUARTE, E. A. Literatura afro-brasileira. **Semana Acadêmica de Letras**: letras na contemporaneidade: um enfoque multidisciplinar, 2, 2010, Nova Iguaçu, Instituto Multidisciplinar/UFRRJ.

\_\_\_\_\_. A. **Machado de Assis afro-descendente**. Belo Horizonte: Palas/Crisálida, 2008.

DUARTE, E. A. **Literatura e afrodescendência**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoeduardoafrodescendencias.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa

Albuquerque e Augusto G. Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOTLIB, Nádya Bottella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985.

GREEN, J. N. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <[http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_02.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf)> Acesso em: 02 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HAUSER, A. **História social da arte e literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ISER, W. **A interação do texto com o leitor**. In: JAUSS, Rober Hans et. all. A literatura e o leitor. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético vol. 2. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JOÃO DO RIO. Lucília Simões. In: **TRIBUNA**. n. 222. Rio de Janeiro, Quinta-feira, 1 de junho de 1899, p. 3.

\_\_\_\_\_. Impotência. In: **A Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Quarta-feira, 16 de agosto de 1899, p. 2-3.

\_\_\_\_\_. Ódio. In: **A Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Sábado, 19 de maio de 1900, p. 1-2.

LEAL, L. **Um homem gasto**, 1885. Obras Raras da Biblioteca da Academia Brasileira de Letras (ABL).

LOPES, D. Bichas e letras: uma estória brasileira. In: SANTOS, R. **A escrita de adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays lésbicos no Brasil. Rick Santos e Wilton Garcia (orgs.) São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.

LOPES, D. Por uma nova invisibilidade. In: RUFFATO, L. **Entre nós**: contos sobre a homossexualidade. Luiz Ruffato (Org.). Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

LOURO, G. L. **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (org.) Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, U. **Dicionário Machado de Assis**. Ubiratan Machado. Apresentação Cícero Sandroni. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

MACIEL, J. S. **Píldes e Orestes**: a sedução das faces mudas. Revista Urutágua, Maringá, n. 09, abr./mai./jun./jul. 2006.

MOISÉS, M. **A criação literária**: introdução à problemática da literatura. 2. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

OLIVA, O. P. Os homoafetos. In: OLIVEIRA, Ilca Vieira, SOUTO, Maria Generosa Ferreira, OLIVA, Osmar Pereira (Orgs). **Escritos do corpo, da terra e do imaginário**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2003.

- PEREIRA, L. S. **O conto machadiano**: uma experiência de vertigem: ficção e psicanálise. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.
- PIGLIA, R. **Formas breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PROENÇA FILHO, D. Permanência e atualidade da ficção machadiana. In: ASSIS, M. **Melhores contos**: Machado de Assis. Domício Proença Filho (Org). Edla Van Steen (direção). 16 ed. São Paulo: Global, 2010.
- RODRIGUES, J. C. Introdução de Vida Vertiginosa. In: JOÃO, DO RIO. **Vida vertiginosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RUFFATO, L. **Entre nós**: contos sobre a homossexualidade. Luiz Ruffato (Org.). Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. Coleção Língua Franca.
- SANTOS, E. O clássico na tessitura de *Pílades e Orestes* de Machado de Assis. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC**, 11, 2008, São Paulo.
- SANTOS, R. Desessencializando *queerness* à procura de um corpo (textual) *queer* inclusivo. In: **A escrita de adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays lésbicos no Brasil. Rick Santos e Wilton Garcia (orgs.) São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.
- SOUZA, W. M. **Literatura homoerótica**: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras. Dissertação de Mestrado. UFMG. Faculdade de Letras. 2010. 153 f.
- SILVA, A. L. B. Entre Bento e Flora: a muda cautela de Quintanilha em *Pílades e Orestes*. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC**, 10, 2006, Rio de Janeiro.
- STEARNS, P. N. **História da sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.
- TREVIZAM, M. **Palimpsesto erótico**: ecos da literatura precedente e a expressão do proibido no conto *Pílades e Orestes* de Machado de Assis. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 161-174, 2º sem. 2007.
- TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (org.) Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.